

VARIAÇÕES SOBRE UM MESMO TEMA: REPRESENTAÇÕES DA GUERRA DE CANUDOS NA LITERATURA E NO CINEMA

*Giuseppe Rocalli Ponce Leon de Oliveira**

*Francisco Álisson de Oliveira***

*João Batista Dias Vieira****

Resumo: Algumas obras literárias são transformadas em filmes, minisséries e peças teatrais. Esse processo pressupõe uma reelaboração do texto literário e o acionamento de alguns pressupostos característicos da linguagem cinematográfica. Este trabalho busca discutir esse processo e suas implicações, relacionando a obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha (1902), e o filme “Guerra de Canudos” (produzido em 1997). A história de Canudos transformada em filme e posteriormente adaptada para uma minissérie televisiva, mostra um pouco dessa visão “maquiada”, na qual o diretor “inventa” personagens para dar continuidade e seguimento às rupturas existentes entre o que é considerado fato histórico e o que é transformado em ficção, seja para o cinema, seja para a televisão.

Palavras-chave: Cinema. Obra Literária. Estereótipos. Personagens aleatórios.

Canudos. Two different points of view: The “Canudo’s” war in literature and in the cinema

Abstract: Some literary works are turned into movies, miniseries and theatrical pieces. This process requires a rethinking of the literary text and actuates a few assumptions, characteristic of cinematic language. This paper seeks to discuss this process and its implications relating the book “The Hinterlands” by Euclides da Cunha (1902) and the movie “War of Canudos” (produced in 1997). The story of Canudos, turned into a movie and later adapted for a television miniseries, shows a little of this “make-up”, through which the director “invents” characters to give continuity and follow-up to the ruptures between what is considered historical fact and what is transformed into fiction, or to the cinema, or still for television.

Keywords: Film. Literary Work. Stereotypes. Random Characters. War of Canudos.

* Licenciado em História pela Universidade Federal de Campina Grande; Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. Tem experiência nas áreas de História, Sociologia, Antropologia e Educação. É pesquisador do Grupo Estudos Culturais (UFCG), e Técnico do Grupo Flor e Flor: estudos de gênero (UEPB). Desenvolve pesquisas no campo do Gênero, e cultura-popular. Atualmente é professor da UVA/UNAVIDA no curso de Pedagogia. E-mail: giuseppedeoliveira@ig.com.br.

** Aluno do Curso de Licenciatura Plena em História, pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus de Cajazeiras (PB). E-mail: ahalisson@gmail.com.

*** Aluno do Curso de Licenciatura Plena em História, pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus de Cajazeiras (PB). E-mail: batista.contab@yahoo.com.br.

(...) A poeira subiu de ambos os lados
Arares farpados olhos e punhos fechados, cerrados
A face marcada pela mesma vida seca como a terra, rachada
Uma sombra densa e pesada eclipsando o que há de melhor na sua alma (...)
(Pedra e Bala – Ou os Sertões – Cordel do Fogo Encantado, Transfiguração, 2006).

Trabalhar com cinema e história é algo cheio de complexidade, porque a historiografia durante muito tempo negou a legitimidade do filme como documento histórico. Os “positivistas” ou metódicos consideravam o uso da imagem como um instrumento de distorção do passado¹ e, sendo assim, não lhe dava credibilidade.

Só no ano de 1970, com a “revolução francesa da historiografia” (BURKE, 1997), ou seja, com a Escola dos *Annales* e a reformulação do conceito e dos métodos da História, é que a historiografia passou a encontrar no filme um importante canal com base no qual conseguiu apreender testemunhos da sociedade, de sua mentalidade, de seus costumes e de sua ideologia.

Na literatura, a imagem do Nordeste, por exemplo, é acompanhada por estereótipos concebidos entre preconceitos, que tendem a mostrar essa região sempre como desvalida, cuja população carece constantemente de ajuda de outras localidades ou que está sempre buscando refúgio em outras regiões, principalmente na região sudeste brasileira, considerada por alguns a mais próspera do país.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior assim conceitua estereótipo:

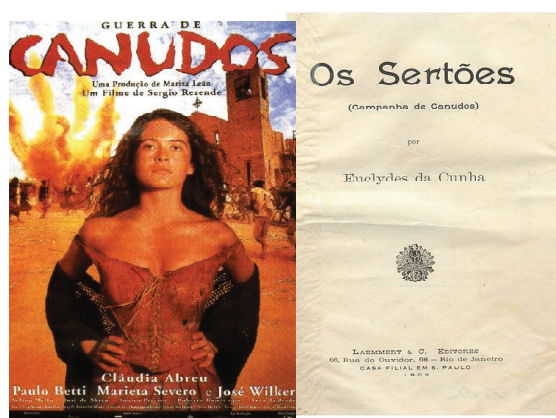
É esquecer que o estereótipo não é apenas um olhar ou uma fala torta, mentirosa. O estereótipo é um olhar e uma fala produtiva, ele tem uma dimensão concreta, porque, além de lançar mãos de matérias e formas de expressão do sublunar, ele se materializa ao ser subjetivado por quem é estereotipado, ao criar uma realidade para o que toma como objeto. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 20).

Nesse argumento, Durval Muniz mostra como as pessoas, de maneira arrogante, tratam outras com base em estereótipos formalizados, numa linguagem repetitiva, com características grosseiras e indiscriminadas, em que multiplicidades e diferenças são removidas, restando apenas algumas semelhanças entre o grupo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 21).

No cinema ou em qualquer outro meio de comunicação não é diferente. A representação do espaço nordestino como lugar de opressão, fome, pobreza e analfabetismo é quase unanimidade entre críticos, pesquisadores, estudiosos e profissionais da área de literatura, arte, televisão e o público em geral.

¹ Vale salientar que, para a Escola Metódica, um evento só se tornava histórico se documentos oficiais comprovassem o fato acontecido. Uma vez reunidos documentos oficiais suficientes que dessem suporte aos acontecimentos históricos, não se podia mais contestar a “veracidade” do episódio histórico.

Este trabalho vem expor essas duas linhas de análise, que, às vezes, se encontram ou se afastam; o filme de Sérgio Rezende,² “Guerra de Canudos”, de 1997, atrai a curiosidade dos contemporâneos e o livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha,³ publicado em 1902, é considerado por alguns historiadores uma obra jornalística muito completa e complexa, com maior credibilidade, sendo muito utilizada por pesquisadores e cineastas da atualidade como objeto de estudo.



Capa do filme “Guerra de Canudos”, 1997, do diretor Sérgio Rezende (à esq.); capa da primeira edição de “Os Sertões”, 1902, de autoria de Euclides da Cunha (à dir.).

O que se quer mostrar é como se criam personagens fictícios e imaginários dentro das obras cinematográficas e como a historiografia trata hoje o cinema, bem como discutir algumas obras relacionadas ao Nordeste brasileiro na literatura (Os Sertões) e no cinema (Guerra de Canudos), intercalando alguns argumentos ao longo do texto. É fato que tanto as produções cinematográficas quanto as obras literárias, além de repassarem conhecimento, também são direcionadas para um público alvo, um público consumidor e esses trabalhos devem ter sua lucratividade dentro do mercado consumista.

Para Miriam de Souza Rossini destaca, “O filme baseado em fatos ou personagens históricos sempre interessa ao grande público e deveria, igualmente, interessar ao historiador, pois o uso do passado pelo presente nunca se dá de forma ingênua ou descompromissada.” (ROSSINI, 1999, p.119).

² O diretor e cineasta Sérgio Rezende tem em sua bagagem cinematográfica, além de “Guerra de Canudos”, o filme “Lamarca”, contando a história de um ex-capitão do Exército que se revolta contra a Ditadura Militar. Sérgio Rezende ainda coleciona vários outros filmes em seu currículo.

³ Euclides da Cunha acompanhou o conflito amado na condição de jornalista, como correspondente do jornal “O Estado de S. Paulo”. (CANCIAN, 2011)

Para alguns pesquisadores, as filmagens cinematográficas são feitas com cuidado e atenção aos fatos históricos, mesmo ocorrendo a criação de personagens fictícios dentro dos filmes; afinal, estas são criadas para dar melhor enredo à trama e, claro, atrair o público. Embora alguns historiadores não demonstrem interesse em trabalhar a História com base em obras cinematográficas, por outro lado, há uma gama muito grande de outros historiadores que visualizam o cinema e suas produções como suporte para estudos e evidências históricas, pois já existem trabalhos relacionados sobre a História do Cinema e Cinema e História. Essas conotações podem ser observadas em filmes caracterizados como históricos. “Guerra de Canudos” é um deles.

Fazer filmes históricos requer pressupostos, como sugere Miriam de Souza Rossini:

a) é localizado propositalmente no passado, ou seja, numa época anterior àquela em que o filme está sendo produzido; b) tenha por finalidade reconstituir um fato histórico, ou uma situação, ou a biografia de alguém que teve existência real; c) seja apoiado em pesquisa histórica, a fim de se manter um mínimo de coerência com o já documentado. (1999, p. 119).

Seguindo essas orientações, é fácil entender o que é filme histórico e que elementos se devem considerar ao analisá-lo. Alguns historiadores encontram dificuldades na utilização de filmes como fontes. Isso acontece por falta de metodologia na análise dos filmes.

Marc Ferro, em 1968, publicou na revista *Annales* um artigo com o título “*Société du XX siècle et histoire cinématographique*”, no qual faz menção ao culto excessivo dos documentos escritos e chama a atenção para os documentos contemporâneos que trazem uma nova dimensão ao conhecimento do passado.

Mônica Almeida Kornis ressalta que na França:

Niels Skyum-Nielsen elaborou em 1996 um trabalho publicado em dinamarquês em 1972 que, segundo Fledelius, foi o primeiro livro voltado para a crítica da fonte audiovisual. Era uma obra que se enquadrava nas preocupações de Terveen na década de 1950 acerca da necessidade de um trabalho metodológico sobre o tema. Durante a década de 1970 aumentou a produção historiográfica sobre a relação cinema e história e houve um esforço mais evidente para tratar o cinema na sua complexidade. (1992, p.7).

Miriam de Souza Rossini, em fins da década de 1990, destaca que a publicação sobre cinema-história é restrita no Brasil, mas que esse quadro já apresentava melhoras devido à criação de um centro de pesquisa sobre o assunto na Universidade Federal da Bahia – UFBA, aumentando o intercâmbio com pesquisadores de outros países. São os professores franceses que são pioneiros nesse tipo de estudo e são os que mais se interessam pela inter-relação cinema-história.

Ela afirma que, a partir da discussão de historiadores franceses, foram observados três motivos básicos para a explicação da dificuldade do historiador em incorporar o cinema como fonte histórica. São eles:

a) A disputa entre um conhecimento objetivo, perpassado pela razão, e outro subjetivo, perpassado pela sensibilidade e pela simbologia típica das linguagens não-verbais; b) um preconceito cultural que via o cinema como uma arte menor, e, portanto, em relevância como fonte do conhecimento da própria sociedade; c) a própria complexidade de imagem cinematográfica, que constrói seus sentidos a partir do entrecruzamento de diversos elementos, todos de naturezas distintas. (ROSSINI, 1999, p.122).

CONHECENDO UM POUCO A HISTÓRIA DO BELO MONTE

A história do Arraial de Canudos, na região compreendida pelo rio Vaza-Barris, no interior baiano, teve início por volta de 1893, cerca de quatro anos após a Proclamação da República. Esse arraial foi idealizado por um beato de nome Antônio Vicente Mendes Maciel, o popular “Antônio Conselheiro”, nascido no dia 13 de março do ano de 1830, na cidade de Quixeramobim, no sertão central cearense. Devido a um problema conjugal, o Conselheiro passou a vagar pelos sertões pregando palavras de salvação entre as comunidades pobres, atizando-as contra a exploração do coronelismo, da Igreja Católica e contra a própria República. Segundo ele, essas três forças olhavam com desprezo para o sertanejo, não lhes passavam segurança e só as considerava como existentes quando da cobrança de impostos.

Não demorou muito para que Canudos começasse a ter um crescimento notório e por volta de 1896, já contava com mais de quinze⁴ mil habitantes, entre muitos miseráveis, sertanejos de diversos tipos, jagunços e cangaceiros.

O desenvolvimento encontrado em Canudos incomodava as elites políticas locais, que viam sua mão-de-obra sair de suas terras e ir ao encontro do arraial, assim como os membros do clero, que perdiam cada vez mais seus fiéis. Padres e coronéis começaram a questionar o funcionamento de Canudos e exigir cada vez mais que o governo local tomasse uma atitude enérgica contra Antônio Conselheiro e seus seguidores.

Tudo que era produzido na comunidade era dividido em partes iguais entre todos e o excedente era comercializado nas regiões circunvizinhas. O próprio Antônio Conselheiro fiscalizava as atividades do arraial, além de conduzir a parte religiosa do lugarejo.

⁴ Alguns historiadores e pesquisadores defendem que esse número seria superior, ultrapassando os vinte mil habitantes.

Antônio Conselheiro começou a ser apontado como um “monarquista assumido”⁵ e a ser perseguido fortemente por aqueles que o acusavam de incitar a população contra a República, transformando o povo que o seguia em fanáticos, e a querer o retorno da monarquia.

Não demorou muito para que jornais escrevessem artigos difundindo que as ideias de Conselheiro eram absurdas e cobrando ao mesmo tempo uma intervenção militar por parte do governo da Bahia. Foi exatamente o que aconteceu. No ano de 1896, os habitantes de Canudos foram acusados de quererem invadir uma cidade vizinha para destruí-la, pois não haviam lhes entregado algumas madeiras compradas, que seriam utilizadas na construção do telhado da nova igreja. Era o pretexto que as autoridades tanto ansiavam para poder atacar Canudos. De imediato começaram as incursões sobre o Belo Monte.

Foi quatro o número de investidas militares, que duraram cerca de um ano. A primeira contava com pouco mais de cem combatentes, sendo chefiada pelo Tenente Manuel Pires Ferreira, que, menosprezando o inimigo, viu seus comandados serem derrotados facilmente pelos jagunços armados de Antônio Conselheiro. A segunda campanha utilizou cerca de quinhentos homens e também fracassou. Uma terceira expedição foi enviada para Canudos, dessa vez chefiada por ninguém menos que o famoso Coronel Antônio Moreira César, que tinha o apelido de “Corta-Cabeças”. Assim como as incursões anteriores, Moreira César menosprezou a força de combate dos habitantes do arraial, perdendo praticamente todo o seu pelotão de mais de mil soldados, seus armamentos e suas provisões. Moreira César foi ferido em combate,⁶ sendo levado ao acampamento ainda vivo, mas morreu poucas horas depois. Seu substituto, o Coronel Tamarindo, também foi morto, sua cabeça e corpo e de outros soldados foram expostos pelos jagunços ao longo do caminho que levava ao arraial, como forma de intimidar outras forças militares que avançassem contra Canudos.

Somente a quarta expedição, com mais de cinco mil soldados, além de canhões, sob o comando do General Artur Oscar, obteve êxito. O arraial foi posto abaixo, sobrando apenas ruínas e poucos sobreviventes, entre mulheres, crianças e velhos, em estado lastimável de cansaço, fome e sofrimento. Todos foram degolados para que servissem de exemplo, a fim de evitar novas insurreições da população.

⁵ Alguns teóricos defendem que Antônio Conselheiro não era um monarquista assumido. Ele apenas criticava a República que, anunciando uma nova realidade, não alterava em nada a vida das populações pobres. Pelo contrário, estava instituindo novas formas de vida, como o casamento civil, a cobrança de impostos, a separação entre Estado e Igreja, o sistema métrico decimal etc.

⁶ Assim como a verdadeira causa da morte de Antônio Conselheiro é envolta de mistério, a morte do Coronel Moreira César também tem várias versões.

A OBRA E O FILME

No livro “Os Sertões”, de 1902, de autoria de Euclides da Cunha, jornalista enviado pelo jornal “O Estado de São Paulo” e que acompanhou todo o conflito, o sertanejo é descrito como um povo guerreiro e heróico – “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”⁷ – e que houve exagero por parte dos militares, que massacraram a população inteira e arrasaram o arraial de tal maneira que nada ficou no lugar. Após o término do conflito, não só Euclides da Cunha, mas vários outros intelectuais da época reclamaram da forma violenta empregada pelo Exército, visto estarem sedentos de sangue e de vingança pelas três derrotas desconcertantes infringidas pelos habitantes de Canudos.

A obra de Euclides serviu como base para muitos outros livros, artigos, trabalhos, tanto no cinema como na teledramaturgia, em forma de minissérie. Tratando-se da linguagem cinematográfica, o episódio vivido em Canudos foi retratado em negativos no ano de 1997, com o lançamento do filme “Guerra de Canudos”, do diretor Sérgio Rezende, que, baseado no livro “Os Sertões”, traduziu para as telas do cinema a história do arraial e de seus habitantes, dando vida a personagens aleatórios dentro do convívio sertanejo de Canudos e do conflito contra as tropas republicanas do governo.

O filme “Guerra de Canudos” foi concebido sob o olhar de uma família sertaneja, pobre, que passa a residir no arraial, com divergência de opinião quanto à liderança e as palavras de Antônio Conselheiro. O roteiro cinematográfico foi rodado sob o sol escaldante do sertão nordestino, ambiente descrito por Euclides da Cunha em seu livro, na parte denominada “A Terra”, em que o mesmo faz uma análise geográfica da região, do clima e da vegetação predominante, espaço em que os meios definem o homem.

O filme “Guerra de Canudos” começa com uma cena típica, na qual aparece o patriarca da família Lucena, “Zé Lucena”, que é interpretado pelo ator Paulo Betti, caçando com seu filho, abatendo uma pequena ave, como meio de aplacar a fome causada pela seca nordestina. No decorrer da cena fica notória a miséria no qual viviam os sertanejos da época. O enredo retrata também a seca que assola as terras do sertão da Bahia e mostra também o poder dos coronéis na época. Essa imagem de poder fica clara quando “Zé Lucena” vai vender suas cabeças de gado magro e o coronel paga um preço bem abaixo do valor. Dentro dessa narrativa aparece “Luíza”, filha mais velha da família Lucena, que é vivida pela atriz Cláudia Abreu. Aqui o diretor rompe com um paradigma, pois, retratando um acontecimento do passado, quando a mulher pouco era utilizada como objeto de estudo histórico, Luíza aparece como personagem principal, sendo moldada e personificada pela concepção do diretor (bonita, de boa aparência, cheia de vigor e de persona-

⁷ Frase histórica dita por Euclides da Cunha.

lidade). Apesar do estereótipo de povo frágil, faminto e incapacitado intelectualmente, ela se mostra disposta dentro do espaço do conflito entre as tropas republicanas e os moradores de Canudos.

Luíza é rebelde e determinada a sair da miséria. Inicia-se aqui o foco deste trabalho, que é falar da criação “maquiada” de personagens, para dar andamento à trama do filme. Como já foi dito, as filmagens cinematográficas têm que atrair público e, para isso, o diretor ou cineasta usa todo o seu conhecimento de dramaturgia, criando formas de atrativo para os espectadores.

Em seguida, surge a figura “mística” do beato Antônio Conselheiro (José Wilker), detentor de várias lendas que pairam ao seu redor. Admirado e respeitado entre as pessoas mais humildes da região, ele surge com sua comitiva de seguidores. O diretor busca mostrar sempre a mistificação do Conselheiro, dando pitadas de tons sobrenaturais sobre a figura do beato, por meio de algumas de suas atitudes durante as cenas.

No filme de Rezende, não foi diferente, ele cria esta visão “maquiada” com base em uma família tipicamente regional e coloca todo o enfoque de sua produção nessa família, passando assim para o público todo o sofrimento e esperança em que viviam os sertanejos. O filme mostra o começo da República, com a cobrança de impostos e suas leis e mostra também a revolta da população carente e sofrida.

O diretor coloca em Luíza toda uma simbologia de força, coragem, perseverança, determinação e atitude, características típicas das populações carentes sertanejas. É como se o diretor quisesse mostrar toda a força dos nordestinos numa só pessoa.

A paisagem natural do sertão, encontrada nos relatos de Euclides, em “A Terra”, é manifestada no decorrer das filmagens, entre um *flash* e outro, como padronização do enredo e da particularidade do terreno. A família de Luíza logo se rende aos conselhos do beato e decide deixar tudo para trás, confiando na promessa de que alcançarão um lugar de mais conforto dentro do coração do sertão fustigado pela seca. A jovem não aceita a proposta e acaba por desgarrar-se dos seus.

Na linguagem proposta pelo diretor, Luíza e a família representam tantas outras pessoas que seguiam os ideais de Antônio Conselheiro, sempre com uma ou outra “resistência” interna. Eles reafirmam o enredo literário trabalhado por Euclides, que, dentro da encenação cinematográfica, dá vida ao encontro do Conselheiro com a “terra prometida”, lugar esse escolhido com o fincamento do pau que ele usa como uma espécie de bengala para ser o “Império de Belo Monte”, lugar este determinado por Deus, segundo o próprio Conselheiro.

Canudos é uma espécie de reduto e de encontro das três principais raças defendidas por alguns como as formadoras da identidade racial do Nordeste e conseqüentemente do Brasil, o negro escravo, o indígena, o branco pobre, seus descendentes e o resultado da miscigenação ocasionada entre

elas. Essa evidência é observada nas delimitações do filme e na espécie literária trabalhada em “Os Sertões”.

O filme é repleto de simbologias, que vão aparecendo no decorrer das cenas. Toda essa simbologia, que aparece no filme de Sérgio Rezende, tem a ver com a memória que o filme e as imagens criam. Segundo Robert Rosenstone (1998, p.106), vivemos num mundo dominado pelas imagens, aonde cada vez mais pessoas formam sua ideia do passado através do cinema e da televisão, seja por meio de filmes de ficção, docu-dramas, séries ou documentários. Essa observação nos levou a pensar na possibilidade de propor o filme Guerra de Canudos (1997), de Sérgio Rezende como um “lugar de memória”, entendidos aqui como lugares onde a memória se cristaliza e se refugia recriando aspectos da história por meio de uma presença simbólica material e funcional.

Nesse comentário, pode-se observar a importância do uso da imagem em movimento, um novo conceito que mudou a historiografia, mudando também a forma de se construir e de se ver a história.

O filme de Sérgio Rezende é visto por parte da crítica cinematográfica como um trabalho de boa elaboração, pois o diretor buscou fazer uma reconstituição fiel aos fatos e diálogos existentes dentro da obra cinematográfica. O próprio interesse dele em conceber o longa metragem nasceu da leitura de “Os Sertões”, pois ele se mostrou interessado em uma proximidade aos contextos historiográficos.

Sérgio Rezende admite que, sobre os personagens históricos, ele procurou ser o mais autêntico possível, deixando-os na sua forma mais natural, preservando suas características, seguindo as sugestões do historiador José Calasans.⁸

Miriam de Souza Rossini no seu artigo diz que:

No filme histórico, o historiador tem uma certa tendência a confundir a representação com o real, pois este tipo de filme está embasado num fato efetivamente ocorrido, documentado; o mesmo se dá com o documentário, pois ele refere a pessoas e acontecimentos que foram diretamente captados pela câmera in loco. Tanto um quanto outro possuem a força do “acontecido”, o que vem a reforçar a ilusão causada pelo efeito do real. (1999, p.124).

Para Miriam Rossini, os historiadores deveriam ficar mais atentos a esse tipo de produção fílmica, com a atenção voltada para esses trabalhos, criando mais significados e reelaborando novos discursos dentro da historiografia.

⁸ José Calasans é considerado a maior autoridade em todo o país na temática da Guerra de Canudos, a qual estudou por mais de cinquenta anos. Suas pesquisas resultaram nos livros *No tempo de Antônio Conselheiro* (1959), *Antônio Conselheiro e a escravidão* (1968), *Antônio Conselheiro, construtor de igrejas e cemitérios* (1973), *Canudos: origem e desenvolvimento de um arraial messiânico* (1974), *Canudos na literatura de cordel* (1984), *Quase biografia de jagunços* (1986) e *Cartografia de Canudos* (1997).

Portanto, trabalhar com filme histórico é uma caminhada árdua, porque obriga o historiador a ter visões amplas entre a época representada nos filmes históricos e certa bagagem teórica específica sobre a relação entre as duas áreas, cinema e história.

Voltando à filmografia, perguntado pelo entrevistador do “Oficina Cinema-História” sobre qual era sua visão ao colocar nas telas uma epopéia histórica, Sérgio Rezende, embora afirmasse que tinha procurado autenticar as cenas e os personagens o mais próximo do relatado no livro, disse em sua resposta que:

Canudos é uma obra de ficção, como não poderia deixar de ser. O cineasta não tem como escapar; ele tem que contar muitas mentiras para contar uma verdade. Isso ocorre porque a história não é reproduzível. Uma história fiel à vida de Lamarca, por exemplo, duraria trinta e três anos. Não se tem como reduzir vidas e fatos, a não ser através da ficção. A Guerra de Canudos (a fase aguda) demorou um ano e realizou-se com cinquenta mil personagens. Como contar isto de forma fiel? Então, o que eu procurei fazer? Passei dois anos estudando história, lendo, pesquisando. Li diversos livros sobre o tema, conversei com pessoas, procurei conhecer os fatos e as suas diferentes versões. Hoje mesmo, de manhã, eu e o Tônico (ator que interpreta o Moreira César) estávamos conversando sobre o homem que matou Moreira César. Há várias versões para o assassinato: há quem diga que foram os conselheiristas; há quem afirme que foi um soldado que havia sido destratado por ele; há quem fale que foi um soldado contratado pela família de alguém que Moreira César teria matado em Santa Catarina. Qual é a versão verdadeira? Quem viu esse tiro? Aí, você tem que escolher. Que dia e como morreu Antônio Conselheiro? Todas essas coisas são muito imprecisas. Eu só acho que há uma coisa muito precisa nesta história toda: o mistério. O que mantém a história de Canudos viva, cem anos depois, é a presença do mistério. Há um desejo de decifrar esse mistério e isso faz com que o interesse permaneça vivo e que todo mundo continue correndo atrás e que, a cada dia, seja lançado um livro novo. Então, eu acredito que esse filme será melhor sucedido à medida que ele também conseguir produzir mistério e, dessa forma, suscitar interesse, debates e discussões. (REZENDE, trecho da entrevista concedida à Oficina Cinema-História).

A seção que compreende o ser nordestino, retratada na obra de Euclides da Cunha na parte intitulada “O Homem”, é mostrada no filme constantemente, sem ter um pressuposto definido. A imagem de povo sofrido e desolado, como já foi comentado anteriormente, se alterna com outra quando surge um povo de conduta guerreira, que não se entrega facilmente, resistindo por meio da força e da oração aos combates a eles impostos.

Euclides da Cunha retrata os jagunços, os pobres, os vaqueiros, os beatos seguidores do “Bom Jesus Conselheiro”, as mulheres e as crianças com uma única “gênesis”, a de resistir contra o ambiente seco e desolado do sertão e a de lutar até o último sobrevivente contra o que eles chamam de “soldados do anticristo”.

Sérgio Rezende expõe o mesmo biótipo nas suas filmagens. Ele explora o texto de Euclides e tenta reproduzir o que está escrito no que deve ser apresentado nas cenas do filme. Apesar do uso da obra, o filme em si não

descreve a realidade histórica, pois, para alguns, a História não pode ser reproduzida (ele relata isso num trecho da entrevista já mencionada).

No trecho que compreende “A Luta”, Euclides da Cunha mostra a área de combate, onde soldados republicanos e jagunços se enfrentam. De um lado, os soldados do Conselheiro, do outro, os enviados do governo para deter um povo que havia se tornado uma ameaça não mais apenas ao poderio local, mas um verdadeiro problema para a própria República.

Diferentemente do que imaginavam os primeiros comboios, Canudos não era um lugar tão desprotegido. Nele habitava gente acostumada a “brigar na faca”, a usar artilharia. Lá havia gente que conhecia bem a região e que aprendera a usar esse ambiente como um empecilho natural àqueles que porventura viessem atacar o lugar.

Em todos os relatos históricos que se referem ao episódio de Canudos, quase todos explicam o fracasso dos primeiros militares enviados ao lugar do mesmo modo. Além do desconhecimento da região, a soberba ao menosprezar os moradores de Canudos, o despreparo de parte da tropa, os uniformes de cores vivas que chamavam a atenção no meio da caatinga esbranquiçada, a “invisibilidade” dos sertanejos que usavam a natureza a seu favor como camuflagem, os posicionamentos dos soldados de Conselheiro no período noturno, quando todos achavam que os jagunços estavam recolhidos no arraial etc. Todos esses fatores explicam parte da derrota e das baixas sofridas pelo Exército Republicano.

Na filmografia, pode-se reconhecer esses artifícios utilizados como tática de guerra, comprovando que os combatentes do arraial não eram somente simples pessoas do roçado, criadores anônimos de gado e de cabras, velhos inúteis e inválidos, mulheres fragilizadas, crianças desnutridas e incapazes de sobreviver entre o clima semiárido e os disparos das tropas.

Não se deve esquecer que, no filme “Guerra de Canudos”, o personagem que representa o próprio Euclides da Cunha é trocado por um jornalista de nome Pedro (Roberto Bomtempo), o qual vive situação parecida à do verdadeiro Euclides. Boa parte da obra e de seus relatos sofreu modificações e alterações por alguns oficiais, sob o pretexto de que difamavam a imagem das tropas e humilhavam a atuação desconcertante dos militares.

A respeito das representações referentes aos nordestinos, que aparecem na literatura e no cinema somente como pessoas analfabetas, despreparadas culturalmente, consideradas feias fisicamente e de baixa estatura, chamadas preconceituosamente de “cabeças-chatas”, “paraíbas”, faz-se necessária uma construção acerca do verdadeiro povo nordestino, descrito não somente na obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, ou no filme “Guerra de Canudos”, de Sérgio Rezende ou, mais ainda, nos personagens idealizados por Ariano Suassuna, como um povo guerreiro, humilde, batalhador, formado por verdadeiros sobreviventes de todas as dificuldades impostas pelas circunstâncias naturais às quais são submetidos.

Mais do que isso, esses temas, abordados nas obras dos mais variados tipos, devem formalizar a desconstrução dessa imagem estereotipada do nordestino e do Nordeste, em que aí só predominam a seca, a fome, a humilhação, a pobreza disseminada, enfim, é preciso rever todo um conceito sobre o Nordeste e as suas nordestinidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*; prefácio de Margaret Rago. 2ª ed. Recife: FJN- Massangana/ São Paulo: Cortez, 2001.
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales 1929-1989*. A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Unesp, 1997.
- CANCIAN, Renato. *Guerra de Canudos*: a República se impõe ao sertão a ferro e fogo. UOL Educação, 2011. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/guerra-de-canudos-a-republica-se-impoe-a-o-sertao-a-ferro-e-fogo.jhtm> Acesso em: 15 out. 2011.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição didática preparada pelo Prof. Alfredo Bosi, cotejo e estabelecimento do texto pelo Prof. Hersílio Ângelo. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- GUERRA de Canudos. Direção: Sérgio Rezende. Produção: Morena Filmes. Rio de Janeiro. Intérpretes: José Wilker; Cláudia Abreu; Paulo Betti; Marieta Severo; Selton Mello; José de Abreu; Roberto Bomtempo; Tuca Andrada; Tonico Pereira; Dandara Guerra; Jorge Neves; Dody Só; Eliezer de Almeida; Denise Weinberg e outros. Columbia TriStar Pictures, 1997. 1 DVD (165 min), fullscreen, son., color. Produzido por Morena Filmes, distribuição: Columbia TriStar. Baseado no livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha.
- INTERFILMES.COM *Guerra de Canudos*. Disponível em: [http://interfilmes.com/filme_13504_Guerra.de.Canudos-\(Guerra.de.Canudos\).html](http://interfilmes.com/filme_13504_Guerra.de.Canudos-(Guerra.de.Canudos).html) Acesso em: 9 out. 2011.
- KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: um debate metodológico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992.
- MELLO, Frederico Pernambuco de. *A guerra total de Canudos*. São Paulo: A Girafa, 2007.
- ROSENSTONE, Robert. História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens. *Olho da História*. Salvador, v. 1, n. 5, p. 105-116, set. 1998.
- ROSSINI, Miriam de Souza. As marcas da história no cinema, as marcas do cinema na história. *Anos 90*. Porto Alegre, n. 12, dez. 1999.
- UNIVERSIDADE Federal da Bahia. O olho da História. *Entrevista com o diretor Sérgio Rezende*. Disponível em: <http://www.olhodahistoria.ufba.br/o3resen.html>. Acesso em: 12 out. 2011.
- UNIVERSIDADE Estadual da Bahia. *Homenagem a José Calasans*. Disponível em: <http://www.uneb.br/2011/05/13/uneb-homenageia-jose-calasans-maior-historiador-da-guerra-de-canudos>. Acesso em: 9 out. 2011.